

# PONTEZ

\*33



B O L E T I M

abril 2016 . boletim trimestral . ano 7

editorial \*

Catequese: alegria do encontro com Jesus Cristo, documento desenvolvido pela Comissão Episcopal para a Educação Cristã e Doutrina da Fé para responder a uma preocupação urgente da catequese, o abandono da prática Cristã por muitos Adolescentes e jovens.

Surge na sequência da visita “ad limina” dos Bispos das Dioceses Portuguesas, o Papa Francisco alerta que a catequese não deve apenas propor conhecimentos cerebrais, mas o encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional. Pede aos catequistas e às comunidades que se passe do modelo escolar ao modelo catecumenal.

A iniciação segundo o modelo catecumenal faz-se à maneira de uma caminhada progressiva, dentro da comunidade dos fiéis. Esta, juntamente com os catecúmenos, medita no valor do mistério pascal e renova a sua própria conversão; e deste modo, com o seu exemplo, leva-os a seguirem generosamente o Espírito Santo.

O documento pretende assim ser um instrumento para a reflexão, por todos os agentes da catequese, sobre o caminho já realizado e as mudanças necessárias no atual modelo de catequese.

É importante o contributo de todas para a finalização do documento, para isso pede-se aos catequistas que leiam o documento (ler, meditar, ruminar ...) e preferencialmente em grupo, respondam às questões colocadas no fim de cada capítulo. Os frutos da reflexão devem ser partilhadas através do formulário disponibilizado na internet, para recolha de cada contributo ■

# Catequese int

PE LUÍS MIGUEL FIGUEIREDO RODRIGUES

O desafio de ir às periferias concretiza-se na catequese quando ela é convidada a deixar de estar confinada a um espaço restrito, durante um determinado horário semanal, e se insere totalmente na vida da comunidade. Das diversas tentativas que se foram realizando de redescoberta desta dimensão comunitária da catequese, ganham destaque as propostas de catequese intergeracional. A ideia que está subjacente é a de que ao experimentar a vida comunitária com as suas famílias e os seus companheiros mais velhos — mas mesmo assim companheiros, porque com idades e vivências próximas — os catequizandos têm maior possibilidade de se identificar com a igreja e de aí permanecer. Por outro lado, a comunidade edifica-se por um processo de permanente gestação, onde os mais jovens fortalecem e animam os mais velhos.

Mas a catequese intergeracional tem exigências mais profundas. Desde logo, por imperativo de coerência teológica entre a definição de igreja e as práticas pastorais, dado que desde as comunidades primitivas é valorizada a pertença ao Reino de Deus e esta é para todas as gerações (cf. Mc 10, 13-16). A Igreja, então, é um povo que reúne todas as gerações (cf. LG 1, 9-17), logo a educação da fé tem de assumir esta vocação. Mais, a catequese intergeracional permite pôr em relação, criar laços, os diversos participantes, que proveem de um contexto de fluidez relacional, contribuindo para que se edifiquem comunidades que se percebem como corpos vivos.

Mas é ao nível do desenvolvimento da fé que a catequese intergeracional maiores contributos pode oferecer, pois permite a partilha das qualidades espirituais próprias de cada idade: a memória dos anciãos é valorizada, os adultos são chamados a assumirem as suas responsabilidades e os mais jovens encontram espaço para o seu desejo de fu-



turo e espaço para o sonhar e antever. Em termos organizativos, esta partilha pode organizar-se em torno de um percurso sacramental, da Eucaristia dominical ou da vivência dos tempos “fortes” do ano litúrgico. Não é preciso criar nada de novo,

# ergeracional

(Imagem retirada da internet)



basta aproveitar o que já existe.

Para concluir, a catequese intergeracional responde ao desafio do papa Francisco quando desafia para que «todas as comunidades se esforcem por utilizar os meios necessários para avançar no

caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma “simples administração” Constituíamo-nos em “estado permanente de missão”» (EG 25).

# Notas para uma educação (catequese) cristã de adultos

## Comunidade reunida na fide

ANTÓNIO JOAQUIM GALVÃO

Conta-se que certo dia, Deus convidou um rabino para conhecer o céu e o inferno. Ao abrirem a porta do inferno, viram uma sala grande e no centro, um caldeirão onde se cozinhava uma succulenta sopa. À sua volta, estavam pessoas sentadas famintas e desesperadas. Cada pessoa tinha uma colher na mão com o cabo tão comprido que lhes permitia alcançar o caldeirão, mas não as suas próprias bocas. A situação provocava-lhes um sofrimento enorme.

*Depois, Deus levou o rabino até ao céu. Entraram numa sala igual à primeira, tinha o caldeirão e as pessoas à sua volta com as colheres de cabo comprido. A diferença é que aqui todas as pessoas estavam saciadas e felizes.*

*- Eu não compreendo, disse o rabino, se tudo é igual, porque é que estas pessoas estão felizes, enquanto na outra sala morrem de sofrimento e aflição?*

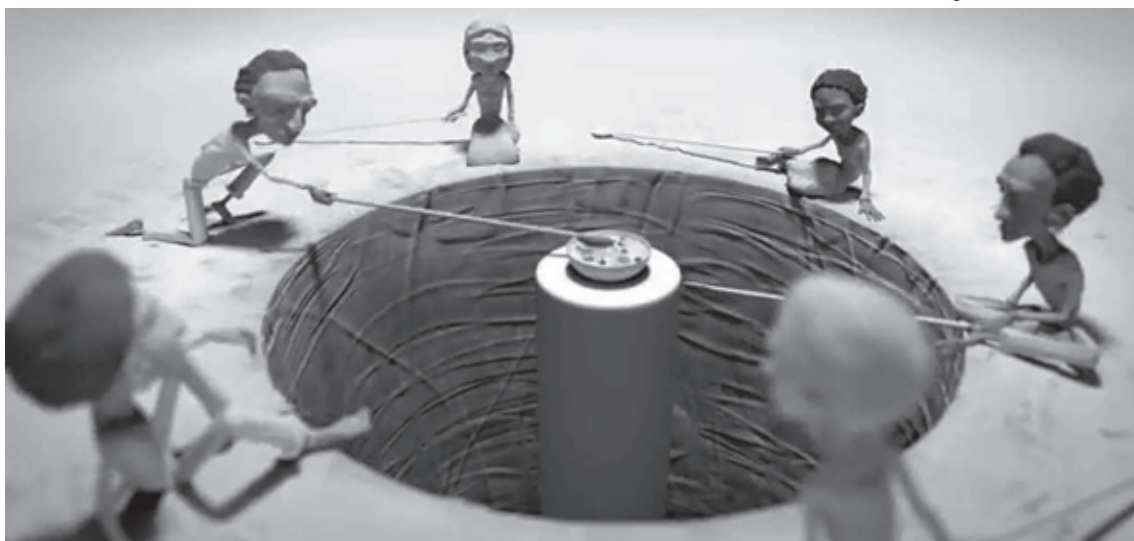
*Deus sorriu e respondeu-lhe:*

*- Não percebes? É porque aqui elas aprenderam a dar comida umas às outras.*

Moral da história, é preciso aprender a servir os outros para se ser feliz. Podemos sintetizar dizendo que a autoridade na Igreja é o serviço.

Sem querer especular sobre o tema da felicidade ao longo da história, direi que a palavra felicidade em grego é “eudaimonia”, composta pelo prefixo “eu = bom” e “daimon = demónio”, que, para os gregos, era uma espécie de semi-deus ou génio, que acompanhava os seres humanos. Ser feliz era ter um “bom demónio”, e estava relacionado com a sorte de cada um e quem tivesse um “mau demónio” era fatalmente infeliz. Os “demónios” continuam presentes no mundo atual: individualismo, corrupção, ânsia de poder, indiferença pelo outro... etc, etc. A felicidade, hoje em dia, anda um bocadinho ao sabor das marés: das revistas cor-de-rosa, da importância em termos de projeção social, de ter muito dinheiro e, por vezes, aqueles que parecem ter isto tudo, são infelizes. Para não nos alongarmos diremos que a felicidade passa pelo bem-estar espiritual, pela satisfação, pelo

(imagem retirada da internet)



# lidade ao Seu Amor

equilíbrio físico, psíquico ... pelo estar em paz a todos os níveis.

Jesus Cristo, com o sermão da montanha (Mt 5, 1 e ss), dá-nos a chave para a felicidade: viver o Reino de Deus. Reino que se opõe ao reino humano e às suas perspectivas egoístas. Pede-nos que tenhamos atitudes diferentes das atitudes que regem o mundo, como amar os inimigos e rezar por aqueles que nos perseguem (Mt 5, 43-44). Amar a todos sem distinção é o sentimento que deve perpetuar no coração daquele que opta pela pessoa de Jesus Cristo, que quer ser filho de Deus (Mt 5, 45 e Lc 6, 35).

A verdadeira felicidade está em Deus que é o descanso da alma (Sl 116, 7). A verdadeira felicidade é deleitar-se em Deus, é alegrar-se com o sorriso de Deus, é beber dos rios de seus prazeres (Sl 36, 8).

Jesus Cristo assemelha-se a nós e, por amor, para nossa felicidade, dá a Sua vida por nós: “a Si mesmo se entregou pelos nossos pecados (...) segundo a vontade de Deus, nosso Pai, ao Qual seja dada glória para todo o sempre Amen” (Gal 1, 4-5).

Ainda estamos a viver o Tempo Pascal, a alegria de sermos novas criaturas (Batismo), de O testemunharmos na nossa missão (Confirmação), de O celebrarmos no Mistério Pascal (Eucaristia), de O libertarmos no abraço do perdão (Reconciliação), de O aliviarmos no sofrimento e na dor (Unção dos Enfermos), de O comunicarmos no serviço à comunidade (Ordem) e de vivermos o Seu amor de esposo pela Igreja (Matrimónio). Estamos a celebrar a nossa Fé: “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!” – esta é a primeira frase que a Comunidade proclama quando se re-une para celebrar a Eucaristia. Mas... já reparaste que se te perguntassem, no fim da Eucaristia, quem é que se tinha sentado ao teu lado, muitas vezes não saberias responder?! Ainda nos falta descobrir a alegria de sermos Comunidade. Ou, melhor, não nos falta descobrir essa alegria, mas Re-descobrir, porque a Igreja primitiva tinha um rosto profundamente comunitário. Não havia multi-

dões, massas de desconhecidos. Todos aprofundavam, celebravam e viviam a sua Fé em comunidade. Ninguém “ia à missa”, “assistir à missa” ou “ouvir missa”. A Eucaristia era a celebração comunitária memorial daquela última Ceia de Jesus, celebração em que todos tinham vez e voz” (ABC da Catequese).

A comunidade em ação de graças, reunida no Amor de Cristo, celebra porque conhece o Seu amor e aceita viver a vontade do Pai. No AT o centro da vida era o Pai e agora o centro passa a ser Jesus que se dá. “Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue fica em Mim e Eu nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim o que me come viverá por Mim” (Jo 6, 56-57). O dom da vida vem através da comunhão do sacramento recebido com fé e, ter a vida é estar unido a Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Este «comer» é a «comunhão», a necessidade da identificação com Jesus. Comungamos para nos mantermos unidos e em união com Ele (Igreja), para pensarmos como Ele, para amarmos como Ele, para servirmos como Ele: “o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por todos” (Mc 10, 45). Cristo veio para servir e nos fazer felizes. Nós servimos, ao Seu jeito, se fizermos a Sua vontade: “Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11, 28). Aqui resumimos os três passos da pedagogia cristã que Jesus nos ensinou:

1. Escutar a Palavra, pô-la em Prática e ir em missão;
2. Conhecer-lo, entrar na plenitude da Sua intimidade, na intimidade da Stª Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo;
3. Testemunhá-Lo no nosso dia-a-dia, levá-Lo numa pastoral de comunhão, de Amor e serviço aos irmãos (estamos no Ano Santo da Misericórdia, na prática das obras de misericórdia) cheios de alegria pela força da Sua presença.

Como para viver, humanamente falando, precisamos de alimento, também para vivermos a felicidade





do Reino temos que nos alimentar: “a Minha carne é, em verdade, uma comida e o Meu sangue é, em verdade, uma bebida” (Jo 6, 55). Vamos com alegria à “fonte de águas vivas” (Jer 2, 13) celebrar a Eucaristia com tudo o que nos vai no coração porque Ele nos dará “uma água viva” (Jo 4, 10) para permanecermos fiéis, não só nos nossos compromissos apostólicos, mas sim, à pessoa de Jesus Cristo que “servirá de guia para as fontes da água viva” (Ap 7, 17). Não fazemos as coisas só pelo dever, mas pelo amor, mostrando ao mundo a nossa felicidade de sermos testemunhas do Seu Evangelho.

Na Igreja todos somos chamados a uma responsabilidade “pastoral” a sermos as pedras vivas da

Igreja do Senhor. Se não nos alimentamos do verdadeiro “Pão da Vida” (Jo 6, 48), com um amor pessoal, forte e oblato, a ponto de nos esquecermos de nós mesmos, não seremos fiéis com todo o coração, não seremos verdadeiros agentes de pastoral. Stª Teresinha Lisieux diz que o que faz a diferença no agir é o amor com que fazemos cada coisa, ainda que tenhamos que fazer as coisas mais humildes e insignificantes, se as fizermos com amor elas se tornarão pedras preciosas aos olhos de Deus e ou com a Madre Teresa de Calcutá não permitirmos que alguém saia da nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz. Esta é uma das missões da comunidade cristã para com os filhos de Deus que todos vivam e tenham vida em abundância (Jo 10, 10).

# Falemos um pouco mais de Misericórdia...

MARIA HELENA AGUIAR

**H**oje vou falar apenas de mais duas parábolas, estrategicamente (provocadoramente?) apresentadas por Jesus: a do “poder de perdoar” (Mt. 18 23-35) e a do “bom samaritano” (Lc.10, 25-37)

**A parábola: “O poder de perdoar”:** Interpelado por Pedro sobre quantas vezes é necessário perdoar, Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt. 18, 22) e contou a parábola do «servo sem compaixão». Este, convidado pelo seu senhor a devolver uma grande quantia, suplica-lhe de joelhos que lhe perdoe a dívida e o senhor perdoou. Mas, imediatamente a seguir, esse mesmo servo encontra outro servo como ele que lhe devia uma quantia bem menor e que lhe suplica de joelhos que tenha piedade. Ele, porém, recusa fazê-lo e força-o à prisão. Então, o seu senhor que lhe havia perdoado uma dívida imensa, tendo sabido do acontecido, zanga-se muito e, mandando-o vir à sua presença para lhe dizer: «Não devias também ter misericórdia do teu companheiro, como eu tive de ti?» (Mt 18, 33). E Jesus concluiu: «Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão do íntimo do coração» (Mt 18, 35), revelando que a misericórdia não é apenas o modo de ser e de agir do Pai, mas é o critério indicador dos seus verdadeiros filhos. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais cristalina do amor misericordioso de Deus mas, simultaneamente, para nós cristãos, um imperativo de que não podemos prescindir. Todos sentimos, com mais ou menos frequência, quão difícil é perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade e a paz do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições indispensáveis para vivermos felizes, em paz, como verdadeiros filhos de Deus.

**A parábola do bom samaritano.** Um doutor da lei pergunta a Jesus, para O experimentar: “Mes-

tre, que hei-de fazer para alcançar a vida eterna? E Jesus retoma o diálogo com uma nova pergunta, interpelando-o directamente: - “Que está escrito na Lei? Como é que lês?”. E o doutor responde: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”. Perfeito, diríamos nós. E Jesus também está de acordo, por isso diz: - “Respondeste bem; faz isso e viverás”. Mas o doutor da Lei, querendo justificar-se, apresenta a Jesus uma nova pergunta: “E quem é o meu próximo”? É neste contexto que Jesus conta a parábola do bom Samaritano que começa com a apresentação de um “próximo”- um homem que tendo caído nas mãos dos salteadores, para além de ter sido saqueado, foi violentamente espancado e depois abandonado, meio morto. E Jesus conta que passaram –ao largo – dois tipos de pessoas: um sacerdote e um levita. Passaram ao largo, não quiseram “suja as mãos”, contaminar-se. Mas há um samaritano que se aproxima (faz-se “próximo”) e tem piedade. Tratando-lhe das feridas, entrega-o depois a um estalajadeiro para que, na sua ausência, o cuide. Quando voltar farão contas de todas as despesas: “Trata bem dele e o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar”. Contada a história, o diálogo com o doutor da lei continua e com uma nova interpelação de Jesus: - “Qual destes três homens te parece ter sido o próximo daquele homem?”. E o doutor respondeu, de novo, de modo assertivo: “O que usou de misericórdia para com Ele”. Perante uma “armadilha insidiosa” por parte do doutor da Lei, Jesus responde, sem recriminações ostensivas nem ocultas, mas com uma estratégia magistral (de verdadeiro Mestre!): “Vai e faz tu também o mesmo”. Jesus afirma, com uma simplicidade desconcertante que a compaixão, a misericórdia, não se resume a um simples sentimento, mas concretiza-se numa acção que me faz sair de mim e ir ao encontro do outro para o acolher e curar. Para o amar de forma concreta. O amor consiste mais em actos do que em palavras! O samaritano não se

limita a olhar para o moribundo, mas aproxima-se, toca, acolhe, cura... ama!.

No livro **As Parábolas de Jesus**, do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização, pode ler-se nas páginas 40 e 41, a propósito desta belíssima parábola: "Vários detalhes da parábola podem fazer pensar em Jesus... Uma compaixão tão íntima e capaz de se transformar em assistência aos doentes é própria de Jesus. (...) Todavia a parábola seria empobrecida se a interpretação fosse apenas focada em Jesus. O que se disse do samaritano vale para Jesus, para a comunidade cristã, onde a dedicação em atenção cuidadosa, e para qualquer pessoa que se reconhece no outro. Portanto, a parábola interpreta a vida quotidiana de cada um e transforma-a a partir de dentro: explica ao doutor da Lei de que modo o amor para com Deus não pode ser separado do amor ao próximo".

O amor de Deus passa sempre pelo amor ao próximo. Quem diz que ama a Deus que não vê e não ama o irmão que vê é mentiroso, diz-nos S. João.

(imagem retirada da internet)



Sem a opção da misericórdia não há vida cristã. E a misericórdia, como muito bem sabemos, não é uma teoria, são obras. A Tradição Cristã – fundamentada na grande alegoria do Juízo Final (Mt 25, 31-46) – apresenta-nos 14 **obras de misericórdia**, divididas em 2 conjuntos complementares: 7 corporais e 7 espirituais. Trata-se de uma expressiva síntese de situações diversificadas com a qual somos desafiados a mostrar o verdadeiro amor a Deus Pai, mediante o exercício misericordioso da caridade fraterna.

A terminar, não posso deixar de fazer uma referência-oração explícita, repleta de ternura e gratidão, a Nossa Senhora, mãe de Jesus e nossa mãe – a **mãe da divina misericórdia**. O papa Francisco assim se lhe refere na Bula de proclamação do ano jubilar: "O pensamento volta-se agora para a Mãe da Misericórdia. A doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo, para podermos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus. (...) Escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus, Maria foi preparada desde sempre, pelo amor do Pai, para ser Arca da Aliança entre Deus e os homens. Guardou, no seu coração, a misericórdia divina em perfeita sintonia com o seu Filho Jesus. O seu cântico de louvor, no limiar da casa de Isabel, foi dedicado à misericórdia que se estende de "geração em geração" (Lc1,50) (...) Maria atesta que a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos sem excluir ninguém. Dirijamo-nos-lhe a oração, antiga e sempre nova, da *Salvé Rainha*, pedindo-lhe que nunca se canse de volver para nós os seus olhos misericordiosos e nos faça dignos de contemplar o rosto da misericórdia, seu Filho Jesus".2

Que Maria, mãe da Igreja e nossa mãe, nos acompanhe e ampare nos caminhos da vida, continuando a apontarmos o exemplo de Jesus e segredando-nos a cada instante, como o fez outrora nas Bodas de Caná, "**fazei tudo o que Ele vos disser**".

"Sede misericordiosos como o Vossa Pai do Céu é misericordioso." Em que é que este Ano Jubilar me tem ajudado mais neste caminhar, com Maria e Jesus, em direcção aos irmãos que tocam a minha vida concreta? Estou mais atenta às suas necessidades? Há alguma coisa em que ainda possa melhorar um pouco mais?

Notas: 1. Magalhães, Vasco Pinto de – Entregar-se, Acolher, Comungar, pg 50. 2. Papa Francisco – Bula Misericordiae Vultus, 24





## Oração de Quaresma

No passado dia 3 de Março, a paróquia de Santa Maria da Torre acolheu mais um momento de oração organizado pela Equipa Arciprestal da Catequese.

Com a igreja paroquial repleta, numa celebração presidida pelo arcipreste, padre Avelino Mendes, os catequistas e párocos presentes foram convidados a sentir a misericórdia divina que impele ao amor ao próximo.

Como habitualmente, a noite prosseguiu com um convívio entre todos.



## Dia Arciprestal do Catequista



Decorreu no passado dia 13 de Fevereiro, a terceira edição do Encontro Arciprestal de Catequistas do Arciprestado de Guimarães e Vizela, dinamizado pela Equipa Arciprestal de Catequese de Guimarães e Vizela.

Este ano o encontro propôs como temas centrais a Misericórdia, a Família e a Missão, em consonância com a temática proposta pela Arquidiocese de Braga para o ano pastoral, "Fé Anunciada", e intimamente relacionada com o Ano Santo da Misericórdia pro-

clamado pelo Papa Francisco.

Com a mensagem "Vem! Entremos Juntos!", este encontro foi, para além de um momento de formação, partilha e convívio entre todos os catequistas, uma forma de celebração partilhada do ano especial em que nos encontramos, e neste sentido, celebrar o Jubileu da Misericórdia dos Catequistas.

O Encontro decorreu na Escola Secundária Francisco de Holanda e teve início pelas 14 horas. Foi organizado em diferentes momentos e após o Acolhimento contou com diversos Ateliers, nomeadamente: Catequese Familiar, Parábolas da Misericórdia, A Confissão - Sacramento da Misericórdia, Celebrar a Misericórdia, Missionário na Comunidade, Danças Contemplativas.

Cerca das 17 horas e findo este momento de convívio, partilha, aprendizagem e formação os Catequistas peregrinaram rumo à Basílica de S. Pedro no Toural onde decorreu a Eucaristia Jubilar dos Catequistas, celebrada pelo Reverendíssimo Senhor Arcebispo D. Jorge Ortiga que não deixou de demonstrar a sua alegria e o seu agradecimento pela presença de tantos catequistas.

Este ato de grande significância, proporcionou a todos os presentes, desde que tivessem a devida preparação, receber a indulgência papal, proclamada pelo Papa Francisco aquando da proclamação do Ano Jubilar da Misericórdia.



## Encontro Arciprestal de Catequistas

Os catequistas das diferentes paróquias do Arciprestado de V. N. Famalicão viveram uma tarde diferente no passado dia 30 de Janeiro, pois, no contexto do Encontro Arciprestal de Catequistas, foram desafiados a reafirmarem o seu compromisso como Missionários da Misericórdia.

Esta iniciativa, subordinada, desta feita, ao tema *"Catequista: Missão e Misericórdia"*, em consonância com a temática proposta pela nossa Arquidiocese de Braga para este ano pastoral, *"Fé Anunciada"*, e directamente relacionado também com o Ano Santo da Misericórdia, iniciou às 14h00, com o acolhimento a todos os participantes no Salão Paroquial de Calendário.

Os perto de 500 catequistas presentes começaram por ser saudados pelo Assistente da Equipa Arciprestal de Catequese, o P.e António Loureiro, que quis felicitar e agradecer a todos aqueles que escolheram dedicar essa tarde a um tempo de formação, oração e convívio.

De seguida, e após um momento de oração, que ajudou a introduzir os catequistas numa reflexão sobre a Missão e a Misericórdia, foi a vez do Arcipreste de Vila Nova Famalicão, o P.e Armindo Paulo Freitas, tomar a palavra. Saudando todos os presentes, enfatizou que "os catequistas são instrumento de Deus na vida das suas comunidades, isto é, alguém que está ao serviço do anúncio do Evangelho, como testemunhas de Misericórdia".

Depois de uma breve explicação sobre a importância de se peregrinar até uma porta jubilar, isto é, rumo ao encontro com Deus, particularmente neste Jubileu da Misericórdia, o grande grupo de cate-



quistas foi enviado em Peregrinação Jubilar, rumo à Igreja Nova Matriz de Famalicão, percorrendo várias artérias da cidade, em marcha lenta e meditativa, intercalada por cânticos e tempos de silêncio.

À chegada, esperava-os à porta o Bispo Auxiliar de Braga, D. Francisco Senra Coelho, que, acolhendo todos os presentes, presidiu à celebração da Eucaristia. Demonstrando a sua alegria por tão numerosa assembleia de catequistas, o prelado referiu, durante a homilia proferida, "que Deus nos ama muito mais do que nós nos podemos amar, com um amor que vai até às fraquezas que nós não queremos ver e de que nos envergonhamos", o que, desde logo, nos interpela "a amar e perdoar os outros da mesma forma, vivendo como um reflexo onde se vê e sente a Misericórdia do Pai". D. Francisco lembrou ainda aos catequistas que "foram escolhidos por Deus para serem anunciadores do Evangelho", devendo sentir-se "felizes e privilegiados por terem sido chamados à missão de anunciar Cristo com a própria vida, levando-O à vida de todos, nomeadamente das crianças, adolescentes e jovens que lhe são confiados".

Ao terminar, e evocando o exemplo de Maria, como grande catequista, que anunciou Jesus a todos, o Bispo Auxiliar exortou os catequistas a permanecerem fiéis, sem medo e com alegria, no exercício da sua vocação missionária.

No final da celebração houve ainda tempo para o lanche, no Centro Pastoral de V. N. Famalicão, terminando assim a tarde em ambiente festivo, de partilha e de agradável convívio entre todos.

Departamento Arciprestal da Comunicação Social



## Encontros descentralizados de formação permanente



Assim e na sequência do cumprimento do plano de atividades de nível arciprestal, realizaram-se os já habituais **Encontros Descentralizados de Formação Permanente**. Estes três Encontros realizaram-se nas Comunidades de Divino Salvador de Touguinhó, Nossa Senhora da Lapa da Póvoa de Varzim e na Nossa Senhora da Expectação em Estela onde se refletiu, com a ajuda de Rúben Cruz, aluno do 6º Ano de Teologia, os motivos, causas e consequências para uma melhor atitude face ao Ano Santo da Misericórdia.

Estes encontros tiveram uma grande afluência pelos Catequistas (250 catequistas). Neles aprofundamos e vivemos a essência da misericórdia. Durante estes encontros foi-nos demonstrado que urge uma melhor harmonização face à misericórdia e que só a podemos entender quando soubermos o que realmente Ela é e donde vem. Estas respostas obtêm-se na Palavra de Deus, testamento que nos indica o caminho certo na busca dos gestos concretos, nas atitudes concretas e nas palavras certas para sermos misericordiosos como o Pai. Mas tudo isto se realiza quando nos colocarmos em ação e somos anunciadores de misericórdia.

### **Celebração penitencial para catequistas**

Durante o Tempo da Quaresma e a pedido do Papa Francisco para realizarmos as 24 horas para o Senhor, a equipa arciprestal tomou a iniciativa de realizarmos uma **Celebração Penitencial com Celebração do Sacramento da Reconciliação**, para catequistas, onde recebemos e testemunhamos a alegria e reencontro com o Pai da Misericórdia que está sempre a espera dos seus filhos. As Catequistas do Arciprestado celebraram com grande entusiasmo

e seriedade aquele momento onde entenderam que nos gestos e atitudes que temos nos nossos encontros semanais são vitais para levarmos a cabo a Missão a que fomos chamados. Este encontro /celebração realizou-se na Igreja de Santa Eulália de Beiriz.

### ***Bíblia peregrina***

Ao longo deste Ano Pastoral, a Equipa Arciprestal de Catequese está a levar avante a realização da Bíblia Sagrada como Bíblia Peregrina. Neste sentido a Bíblia está a percorrer todas as Comunidades do nosso Arciprestado. Ela permanece uma semana em cada família eclesial e como estamos a viver o Ano C e o Evangelista é São Lucas, cada paróquia trabalha, reza e testemunha um capítulo do Evangelho acima mencionado. Esta atividade está a ser aceite e vista com muito agrado pelas comunidades e pelos responsáveis das mesmas, pois é mais uma oportunidade de experienciar que a Palavra de Deus é para todos e Ela é fonte inesgotável do amor de Deus por nós.

São estes momentos e encontros que nos fortalecem tanto humana como espiritualmente e nos carregam as baterias para os desafios constantes e desafiantes da vida quotidiana. A busca de formação, a perene oração e o incansável peregrinar leva-nos a ser luz e sal para as crianças, adolescentes e jovens que semanalmente nos foram confiados pela comunidade. Com Fé e alegria somos convidados a anunciar com Misericórdia, neste tempo, que sugere uma grande identidade cristã.







Preço por pax em ocupação dupla ou tripla,  
mínimo de 45 participantes: 320.00€  
Suplemento Individual (2 noites em Roma): 86.00€

**SERVIÇOS INCLuíDOS:**

- Autocarro Gran-Turismo com 2 motoristas para todo o trajecto (despesas de alojamento, portagens, parques, e checkpoints incluídos)
- Picnic de pequeno-almoço, Oferta V.A. Tour Operador
- 1 Noite de Alojamento e pequeno-almoço - hotel 3\*/4\* nos arredores de Roma (30/40km do centro da cidade)
- 1 Noite de Meia-Pensão - hotel 3\*/4\* nos arredores de Roma (30/40km do centro da cidade)
- 2 Almoços em Roma - Em restaurante local
- Restaurante para 1 Almoço em Lourdes, água e vinho incluídos à refeição
- Restaurante para 1 Almoço - no último dia, água e vinho incluídos à refeição
- Seguro de Viagem
- Taxa de estadia incluída em Itália
- IVA

**SERVIÇOS NÃO INCLuíDOS:**

- Parque de estacionamento no Vaticano 35.00€ para todo o grupo
- Outras visitas ou deslocações que não as mencionadas no itinerário
- Entradas a monumentos ou museus
- Todos os serviços ou refeições que não estejam mencionados como incluídos

**ITINERÁRIO:**

- 22/09/2016 - Saída de Braga para Roma durante a tarde 16h00
- 23/09/2016 - Chegada ao hotel de Roma (arredores) às 23h45  
- Alojamento no hotel
- 24/09/2016 - Transporte para Roma de manhã  
- Almoço em restaurante local - Alojamento e jantar no hotel
- 25/09/2016 - Transporte para Roma de manhã  
- Almoço em restaurante local - partida para Lourdes às 17h00
- 26/09/2016 - Chegada a Lourdes para Almoçar 11h00  
(Almoço incluído). Início da viagem de regresso às 20h00
- 27/09/2016 - Chegada a Braga à hora de almoço  
(Almoço incluído).

**Inscrições:**  
Serviços Centrais da Arquidiocese

Organização: Departamento Arquidiocesano da Catequese



  
departamento arquidiocesano da catequese

**centro cultural e pastoral da arquidiocese**

rua de S. Domingos, 94 B • 4710-435 Braga • tel. 253 203 180 • fax 253 203 190  
educris@arquidiocese-braga.pt • www.diocese-braga.pt/catequese

■ impressão: empresa do diário do minho, lda.